

PMS	FMLF	GERM
BIBLIOTECA		
ATADE		
24/02/2000		
local	04	
Assunto		
Área Verde (Praça da Sé)		



Os arqueólogos estão preocupados com o Carnaval, quando a destruição do sítio na Sé poderá se agravar, caso o local não seja protegido

Achados históricos na Praça da Sé estão sendo destruídos

LEVI VASCONCELOS

Crânios, costelas e outros ossos de pessoas sepultadas na antiga Igreja da Sé, na Praça da Sé, expostos ao público que visita o Centro Histórico após a reforma realizada para a festa dos 450 anos de Salvador, estão sendo pisoteados e quebrados. O fato foi constatado ontem pelos arqueólogos que estão se preparando para iniciar a segunda fase das escavações, o que deve acontecer logo após o Carnaval, assim que a prefeitura fechar a área com tapumes. Eles supõem que a destruição esteja sendo praticada por men-

digos que circulam na área. Como os mendigos estão sendo impedidos pela polícia de circular no Centro Histórico, a explicação é outra: o fato é que a área é completamente desguarnecida, principalmente à noite. Os arqueólogos temem que durante a folia a situação se agrave, caso não haja proteção. "Se não tomarmos os devidos cuidados isso aqui vai virar um motel durante o Carnaval", afirmou o arqueólogo Luíde Fernando, que integra a equipe do também arqueólogo Francesco Palermo Neto, coordenador dos trabalhos que estão sendo realizados na Sé. "Um dos esquele-

tos está praticamente inteiro e forramos com gesso, a fim de possibilitar a retirada intacta, e não osso a osso", lembrou.

Maior igreja

Enquanto de um lado os arqueólogos se esforçam para preservar o sítio, outros chegam e destroem. A segunda etapa dos trabalhos inclui a escavação de toda a área onde ficava o adro da igreja, local de sepultamento das pessoas de condição social mais baixa. Os ricos eram enterrados nas proximidades da capela, área que permanecerá soterrada sob o

piso de lajota de granito por onde passam os visitantes que transitam pelo local.

A Igreja da Sé era a maior de Salvador e englobava praticamente toda a parte da praça frontal à área que hoje serve de mirante para o mar. Foi demolida em 1933, juntamente com o quarteirão situado no trecho que hoje é a praça, para permitir a instalação dos trilhos do bonde. Segundo os arqueólogos, o fato de haver esqueletos em várias posições é explicável: "Antigamente era comum sepultar as pessoas em redes. A adoção dos caixões é do início do século", observou Luíde Fernando.